



ÁLVARO PINTO (1889-1957) – Nasceu a 29 de Novembro de 1889, em **Barca de Alva**, freguesia da raia, localizada na margem esquerda do Douro, parte integrante do concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, no distrito da Guarda. Iniciou estudos em Bragança, de onde seguiu para o Porto, por volta de 1902 (teria então 13 anos de idade), para frequentar o Liceu Central e, posteriormente, a Escola Politécnica. Matriculou-se ainda na Escola Médica que acabou por abandonar, ao fim do 1.º ano, para se dedicar integralmente à imprensa, como **jornalista**, mas também como **editor e dinamizador cultural**, actividades que desempenhou com reconhecido mérito.

Os que o conheceram ainda jovem, por altura da sua ida para o Porto, recordam a sua personalidade “inconformista”, relacionando-a com a actividade jornalística precoce e a empatia pelas ideias libertárias e republicanas. Teria 17 anos (1906) quando publicou os seus primeiros artigos na revista **Semana Azul**¹, na qual colaboraram muitos autores de relevo na época – nomeadamente Antero de Quental, Eugénio de Castro, Angelina Vidal, Julio Dantas, etc.. Logo no ano seguinte, Alvaro Pinto junta-se a Cláudio Basto (1886-1945), a Leonardo Coimbra (1883-1936) e a Jaime Cortesão (1884-1960) e fundam a revista **Nova Silva**². Esta nova iniciativa editorial teve vida efémera, como era comum neste tipo de projectos, dependente da vontade e da algibeira dos seus promotores e das pouco fiáveis assinaturas angariadas. Mais sólida é a ligação de Álvaro Pinto à imprensa portuense já instalada, que se foi consubstanciando pela sua participação, como redactor, em jornais como: **O Norte** (1900); **A Vida** (1905-1910), que a dirigiu a partir de Março de 1909; **Voz Pública** (1891-1909); **A Pátria** (1909); o diário republicano **A Montanha** (1911-1936), que ajudou a fundar; **A Bomba** (1912)³, que também dirigiu, e outros ainda. A maioria destas publicações alimentou o caudal contestatário ao governo de João Franco (1907), além de apresentarem um cunho abertamente libertário e provocatório, onde cabiam doutrinas e causas

¹ *Semana Azul: publicação de luxo, ilustrada, arte, litteratura, novidades, d'interesse e notas elegantes*, dir. pelo Corregedor da Fonseca. Porto, 1906-1907.

² *Nova Silva: revista ilustrada*. Porto, 1907. Uma raridade, com cinco números, que faz parte do espólio da Hemeroteca Municipal de Lisboa. Disponível em microfilme, sob a cota F. 60 (Bobine 43).

³ *A Bomba*. Porto, 1912. Foi dirigida literária e artisticamente por Álvaro Pinto e Cristiano de Carvalho, respectivamente. Publicou-se entre Abril e Junho, somando 10 números. Disponível da Hemeroteca Municipal de Lisboa, com a cota J. 78 FH.



diversas, desde as anarquistas, à questão da condição feminina, e novas experiências estéticas.

Como esta actividade não lhe garantisse um rendimento estável e suficiente, Álvaro Pinto concorreu para o quadro do funcionalismo alfandegário, e terá estado colocado, durante algum tempo, no Funchal⁴. Uma fase da sua vida que permanece na penumbra, já que são raros os que a referem. Desconhece-se, portanto, como ocupou o tempo, mas considerando a sua personalidade irrequieta e criativa não é abstrusa a ideia da sua colaboração com a imprensa local, ou como “correspondente” de um dos periódicos que deixara para trás. Não resta dúvida é que estava no Porto no dia 1 de Dezembro de 1910, quando se publicou o primeiro número da revista ***A Águia. Revista quinzenal ilustrada e de literatura e crítica***⁵, de que foi **fundador** incontestável, **director** e **proprietário** da sua 1.^a série, ainda que coadjuvado por outras figuras que se vinham notabilizando no plano cultural, como **Jaime Cortesão, Teixeira de Pascoais, Leonardo Coimbra, Raul Presença**, entre outros. Essa 1.^a série somou 10 números, publicando-se até Julho de 1911. Mas a revista prosseguiu até 1932, perfazendo 5 séries e mais de duas centenas de números.

O lançamento d' *A Águia* no Dia da Restauração, 1 de Dezembro, não foi certamente obra do acaso, ainda que Álvaro Pinto afirmasse, anos mais tarde, que o movia apenas «o desejo de constituir um modesto núcleo de idealistas que pusessem a sua inteligência e as suas energias ao serviço dum novo Portugal»⁶. Mas foram muitos, e com muitas ideias, os que se deixaram arrebatados pelo apelo programático lançado pela publicação. Segundo Álvaro Pinto, «excedeu todas as previsões», e a esse estímulo se ficou a dever a criação da «Renascença Portuguesa» sociedade de cultura e pensamento⁷. Momento duplamente fecundo, uma vez que coincidirá também com o início de um novo ciclo na vida d' *A Águia*: o que corresponde à sua 2.^a série, cujo primeiro número foi publicado em Janeiro de 1912.

⁴ Cf. VAZ, Angêlo - «Álvaro Pinto», in *Ocidente. Revista Mensal Portuguesa*, Vol. LII, n.º 226 (De Homenagem a Álvaro Pinto), Fev. 1957, p. 54-57. Disponível na Hemeroteca Municipal com a cota: Rev. 1076 V.

⁵ Disponível na Biblioteca Nacional Digital: <http://purl.pt/12152>

⁶ Cf. PINTO, Álvaro – «Para a História da «Águia» e da «Renascença Portuguesa»», in *Ocidente*, vol. 1, n.º 1, 1938, p. 137-151.

⁷ *Ibidem*.



Um interlúdio de mais ou menos 5 meses separa, portanto, as duas séries. Terá sido o tempo necessário para a maturação e definição da nova organização, a *Renascença Portuguesa*, e da “nova” *A Águia*, porque assim se pode considerar, como se verá. A primeira reunião de trabalhos teve lugar em Coimbra, a 27 de Agosto; a segunda realizou-se em Lisboa, a 17 de Setembro, e parece ter sido aí que se tomaram as derradeiras decisões: os nomes a adoptar pela organização e pela revista, a sua orgânica e dirigentes, o programa de actividades, etc.. A única controvérsia então suscitada – que Álvaro Pinto recorda alguns anos mais tarde, num texto que publicou na *Ocidente* com o propósito de repor a “verdade” –, relacionava-se com a nomenclatura a aplicar à organização e à revista. Segundo afirma, além da proposta que vingou, que era a sua, havia quem defendesse em alternativa os nomes de «Renascença Lusitana»⁸ para a organização e de «Renascença» para a revista (o proponente seria Teixeira de Pascoais). Mas a leitura daquele seu texto sugere outras, nomeadamente em relação à localização da sede da Sociedade. Questão que de alguma forma transparece nos Estatutos, onde está consignado que fica «provisoriamente» instalada no Porto, e fazendo depender o futuro «do ponto onde estiver a redacção da revista *A Águia*».

Importa também destacar as alterações registadas pela 2.^a série de *A Águia*, que por sinal não são de pequena monta: a publicação é agora propriedade e «Órgão da Renascença Portuguesa», cujos Estatutos torna públicos; Álvaro Pinto já não tem a função de director, é agora «secretário da redacção, editor e administrador»; a revista, além de assumir uma periodicidade mensal, define um campo de interesses ou de análise bastante mais alargado, o que tem tradução no seu novo sub-título: «Revista mensal de literatura, arte, ciência, filosofia e crítica social». São mudanças significativas, não é demais sublinhá-lo, e no que toca a Álvaro Pinto, ou seja, à aparente diminuição do seu “estatuto” e influência n’ *A Águia*, parece encontrar compensação ou equilíbrio na posição que passou a deter na recém-formada *Renascença Portuguesa*, na qual assume o cargo de «secretário» de um dos três «comités» que compõem a orgânica da Sociedade, o do Porto⁹. Ainda sobre esta questão, refira-se que nos textos de natureza memorial redigidos por Álvaro Pinto, ele afirma ter sido administrador da *Renascença* desde a sua fundação até 1921, mas não é taxativamente corroborado por outros elementos da Sociedade, ainda que

⁸ Cf. PINTO, Álvaro – *Op. cit.*.

⁹ O *comité* de Coimbra tem como secretário Augusto Casemiro, e o de Lisboa, Elíseo Campos.



todos o reconheçam como dirigente de primeiro plano, incontornável pela sua capacidade de organização e realização.

Até 1920, Álvaro Pinto manteve-se na liderança do movimento que adquiriu uma crescente preponderância no panorama cultural do país, através das inúmeras actividades desenvolvidas – edição de livros e publicações periódicas¹⁰, organização de conferências, exposições e outros eventos, além das célebres *Universidade Populares* –, que estimularam um intenso debate doutrinário e muita celeuma. No contexto de uma República jovem e hesitante sobre o rumo que deveria tomar, e de toda a agitação política e social daí resultantes – que o despoletar da 1.ª Grande Guerra veio agudizar –, foi impossível manter aquele debate num plano estritamente teórico e literário. Esse terá sido o desejo de Álvaro Pinto, mas foi ultrapassado pela realidade: muitos dos intelectuais da *Renascença* quiseram que as suas reflexões e teorias fossem úteis ao país, isto é, tivessem aplicação prática, orientassem a acção dos que governavam¹¹.

Um dos primeiros episódios que lançou a discórdia no seio movimento, terá sido despoletado pelo artigo de abertura da 2.ª série d' *A Águia*, no qual Teixeira de Pascoais defende o «Saudosismo». Como Pascoais era na altura o director literário da revista, que era porta-voz da *Renascença*, alguns membros do movimento consideraram que a teoria filosófica, de forte cunho nacionalista e “espiritualista”, passava como sendo de todo o grupo e protestaram. O debate atingiu a máxima tensão com **António Sérgio**, que acabou mesmo por se afastar, no que foi seguido por Raul Proença.

Álvaro Pinto assistiu impotente à críspação crescente que envolvia o grupo e também o país. Em 1919, foi nomeado **chefe dos serviços administrativos da Biblioteca Nacional**, cuja direcção estava entregue a Jaime Cortesão, seu correligionário e amigo. No início de 1920, confrontado com a ideia da adesão dos funcionários da instituição a uma greve geral, e discordando da posição tolerante do director da instituição, bateu com a porta. Decidiu então partir para o Brasil, na esperança de encontrar um ambiente mais favorável para continuar

¹⁰ Foi também propriedade da *Renascença Portuguesa a Vida Portuguesa. Revista de inquérito à vida nacional*, dirigida por Jaime Cortesão, que se publicou no Porto entre 1912-1915. Disponível na Biblioteca Nacional Digital : <http://purl.pt/284/1/P125.html>

¹¹ Em 1921, alguns desses elementos, entre os quais se encontra Jaime Cortesão, abandonaram *A Águia* e fundaram a revista *Seara Nova*.



a obra da *Renascença Portuguesa*. Embarcou em Março de 1920. Tenha-se em linha de conta que, na época, havia uma emigração significativa para aquele jovem e promissor país, um autentico *Eldorado*. António Sérgio encontrava-se lá desde Setembro de 1919 e Álvaro Pinto logo o procurou. Juntos fundaram a editora **Anuário do Brasil**, da qual Álvaro Pinto acabaria por se tornar único proprietário (a partir de 1922). Num ápice a casa conquistou reconhecimento nos círculos intelectuais do Rio de Janeiro. Apostou nos autores brasileiros, mas também deu a conhecer os autores portugueses, os clássicos e os novos, revelados na *Renascença*. Em 1924, fundou e dirigiu com o poeta e jornalista brasileiro **Tasso da Silveira** a revista **Terra de Sol**¹², que fez sobretudo eco do movimento intelectual e artístico brasileiro, particularmente da sua componente mais nacionalista e espiritualista. Existem ainda referências à sua ligação a uma publicação intitulada *Crítica*, lançada mais tarde¹³.

A aproximação cultural luso-brasileira foi, pois, uma causa que Álvaro Pinto abraçou durante os anos em que permaneceu do outro lado do Atlântico. Bateu-se incansavelmente por um **acordo ortográfico**, que teve a sua primeira versão no acordo preliminar assinado em 1931. Ainda antes de regressar definitivamente a Portugal, em 1937, estabeleceu em nome do Centro de Imprensa Estrangeira de Portugal acordo com Associação Brasileira de Imprensa, do Rio de Janeiro (Março) e com Imprensa Brasileira Reunida, de S. Paulo (Abril).

Álvaro Pinto sabia que ia encontrar um Portugal muito diferente do que tinha deixado em 1920. Possivelmente depositava até alguma esperança no *renascimento* nacional que o novo regime se dizia disposto a fomentar. Na sua perspectiva, talvez fosse «ocasião de retomar o antigo plano de criar um novo Estado – o *Estado artista*, preconizado pelo Visconde de Vila-Moura, se os principais elementos se não tivessem dispersado ou desaparecido, sem que outros tivessem já significado desejo de os substituir»¹⁴. Para incitar esse aparecimento apostou mais uma vez na actividade editorial: em 1938, fundou a

¹² *Terra de Sol: revista de Arte e Pensamento*. Rio de Janeiro, 1924-1925. Outra raridade, desta feita parte do espólio da Biblioteca Municipal de São Lázaro, sob a cota RP/LB 693.

¹³ Cf. SILVEIRA, Tasso da - «Álvaro Pinto», in *Ocidente. Revista Mensal Portuguesa*, Vol. 52, n.º 226 (De Homenagem a Álvaro Pinto), Fev. 1957, p. 66-69.

¹⁴ PINTO, Álvaro - «Para a História da “Águia” e da “Renascença Portuguesa”», in *Ocidente. Revista Mensal Portuguesa*. Vol. 1, n.º 1 (Maio), 1938, p. 139.



revista ***Ocidente. Revista Mensal Portuguesa***, que se manteve até 1973, publicando um número inusitado de textos de grande interesse, da autoria dos mais conceituados pensadores à época¹⁵; e quatro anos depois, em 1942, lançou ainda a ***Revista Portugal***¹⁶, da qual foram colaboradores muitos filólogos portugueses e brasileiros. Com alguma regularidade editou, através da revista *Ocidente*, obras de natureza literária e ensaios de autores portugueses e brasileiros. Mas a criatividade só acontece em campo aberto, sem muros e sem peias de qualquer espécie.

Álvaro Pinto faleceu em Lisboa, na sua residência na Rua de S. Félix, em Fevereiro de 1956, deixando uma obra imensa e que não morreu com ele.

Rita Correia

(08/11/2010)

Bibliografia

Grande enciclopédia portuguesa brasileira. Lisboa-Rio de Janeiro : Editorial Enciclopédia, Lda., 1978.

PIRES, Daniel – *Dicionário da imprensa periódica literária portuguesa do século XX*. Lisboa : Grifos, 1996.

Cartas de António Sérgio a Álvaro Pinto (1911-1919). Lisboa : Revista Ocidente, 1972.

Águia : revista quinzenal ilustrada e de literatura e crítica. 1.^a série. Porto : Tércio de Miranda.

Águia : revista mensal de literatura, arte, ciência, filosofia e crítica social. 2.^a série. Porto : Renascença Portuguesa.

Ocidente : revista portuguesa mensal. Lisboa : Tip. da Editorial Império.

¹⁵ A publicação começou por ser dirigida por Manuel Múrias, que se manteve em funções até 1956, quando Álvaro Pinto decidiu assumir ele mesmo a direcção. Após o seu falecimento, a publicação conheceu mais três directores: António Henrique de Azevedo Pinto, Maria Amélia de Azevedo Pinto e Maria Teresa de Azevedo de Araújo Pinto.

¹⁶ *Revista Portugal. Série A Língua Portuguesa*, Lisboa, 1938. Disponível na Hemeroteca Municipal sob a cota Rev. 1207 V.